

LIÇÃO 3 - Todas as Causas Reduzidas a Quatro Classes

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 2: 1013b 16-1014a 25

“ 409. Todas as causas mencionadas enquadram-se em uma das quatro classes que são mais evidentes. Pois os elementos das sílabas, a matéria das coisas feitas pela arte, o fogo e a terra e todos esses elementos dos corpos, as partes de um todo e as premissas de uma conclusão são todas causas no sentido daquilo de que as coisas são feitas. Mas dessas, algumas são causas como sujeito, por exemplo, partes, e outras como essência, por exemplo, o todo, a composição e a espécie, enquanto a semente, o médico, o conselheiro e, em geral, todo agente são todos fontes de mudança ou de repouso. Mas as outras são causas como fim e bem de outras coisas. Pois aquilo para cujo fim outras coisas vêm a ser é o maior bem e o fim das outras coisas. E não faz diferença se dizemos que é um bem ou um bem aparente. Essas, então, são as causas, e este é o número de suas classes.

410. Ora, os modos das causas são muitos, mas tornam-se menos quando resumidos. Pois as causas são mencionadas em muitos sentidos; e daquelas que pertencem à mesma classe, algumas são anteriores e outras posteriores. Por exemplo, tanto o médico quanto aquele que possui uma arte são causas de saúde, e tanto a razão de 2:1 quanto o número são causas do acorde de oitava; e sempre aquelas classes que contêm singulares. Além disso, uma coisa pode ser causa no sentido de um acidente, e as classes que os contêm; por exemplo, em um sentido, a causa de uma estátua é Policleto e, em outro, um escultor, porque é accidental que um escultor seja Policleto. E os universais que contêm acidentes são causas; por exemplo, homem é a causa de uma estátua, e até mesmo geralmente animal, porque Policleto é um homem e um animal. E das causas accidentais, algumas são mais remotas e outras mais próximas do que outras. Assim, o que é branco e o que é musical poderiam ser ditos causas de uma estátua, e não apenas Policleto ou homem. Além disso, além de todas essas, isto é, tanto causas próprias quanto causas accidentais, algumas são ditas causas em potência e algumas em ato, como um construtor e alguém que está construindo. E as distinções que foram feitas aplicar-se-ão igualmente aos efeitos dessas causas, por exemplo, a esta estátua, ou a uma estátua, ou a uma imagem em geral, ou a este bronze, ou ao bronze, ou à matéria em geral. E o

mesmo se aplica aos efeitos acidentais. Além disso, causas próprias e acidentais podem ser mencionadas juntas, de modo que a causa de uma estátua pode ser referida como nem Policlete nem um escultor, mas o escultor Policlete. Mas, embora todas essas variedades de causas sejam seis, cada uma é mencionada de duas maneiras; pois as causas são singulares ou genéricas; próprias ou acidentais, ou genericamente acidentais; ou são mencionadas em combinação ou separadamente; e, novamente, são causas ativas ou potenciais. Mas elas diferem neste aspecto: que causas ativas, isto é, causas singulares, existem ou deixam de existir simultaneamente com seus efeitos, como este que cura com esta pessoa que está sendo curada, e como este construtor com esta coisa que está sendo construída. Mas isso nem sempre é verdade para causas potenciais; pois o construtor e a coisa construída não deixam de existir ao mesmo tempo.

COMENTÁRIO

Quatro modos de causas

777. Aqui o filósofo reduz todas as causas às classes de causas mencionadas acima (409), dizendo que todas as coisas que são chamadas causas enquadram-se em uma das quatro classes mencionadas acima. Pois “elementos”, isto é, letras, são ditas causas de sílabas; e a matéria das coisas artificiais é dita sua causa; e fogo e terra e todos os corpos simples desse tipo são ditas causas de compostos. E partes são ditas causas de um todo, e “premissas”, isto é, proposições previamente estabelecidas das quais conclusões são extraídas, são ditas causas da conclusão. E em todos esses casos, causa tem um único aspecto formal segundo o qual causa significa aquilo a partir do qual uma coisa é produzida, e este é o aspecto formal da causa material.

778. Deve-se notar que se diz que as proposições constituem a matéria de uma conclusão, não por existirem sob tal forma, ou segundo sua força (pois assim teriam antes o aspecto formal de uma causa eficiente), mas em referência aos termos de que são compostas. Pois uma conclusão é constituída pelos termos contidos nas premissas, ou seja, pelos termos maior e menor.

779. E, daquelas coisas de que algo é composto, algumas são como um sujeito, por exemplo, as partes e as outras coisas mencionadas acima, enquanto outras são como a essência, por exemplo, o todo, a composição e a espécie, que têm o caráter de uma forma pela qual a essência de uma coisa se completa. Pois deve-se ter em mente que (1) às vezes uma coisa é a matéria de outra em sentido absoluto (por exemplo, a prata de um cálice), e então a forma correspondente a tal matéria pode ser chamada de espécie. (2) Mas às vezes muitas coisas tomadas em conjunto constituem a matéria de uma coisa; e isso pode ocorrer de três maneiras. (a) Pois às vezes as coisas são unidas meramente por sua disposição, como os homens em um exército ou as casas em uma cidade; e então o todo tem o papel de uma forma que é designada pelo termo exército ou cidade. (b) E às vezes as coisas são unidas não apenas pela disposição, mas também pelo contato e um vínculo, como é evidente nas partes de uma casa; e então sua composição tem o papel de uma forma. (c) E às vezes a alteração das partes componentes é adicionada ao acima, como ocorre no caso de um composto; e então o próprio estado composto é a forma, e isso é ainda um

tipo de composição. E a essência de uma coisa é derivada de qualquer um desses três — a composição, espécie ou todo — como se torna claro quando um exército, uma casa ou um cálice são definidos. Assim, temos duas classes de causa.

780. Mas a semente, o médico e o conselheiro, e em geral todo agente, são chamados causas por uma razão diferente, a saber, porque são as fontes de movimento e repouso. Portanto, esta é agora uma classe diferente de causa por causa de um aspecto formal diferente de causalidade. Ele coloca a semente nesta classe de causa porque é de opinião que a semente tem poder ativo, enquanto o fluido menstrual da mulher tem o papel de matéria da prole.

781. Há um quarto aspecto formal de causalidade na medida em que algumas coisas são ditas causas no sentido do fim e bem de outras coisas. Pois aquilo para o qual algo mais vem a ser é o maior bem "e o fim" de outras coisas, ou seja, é naturalmente disposto a ser seu fim. Mas porque alguém poderia levantar a objeção de que um fim nem sempre é um bem, uma vez que certos agentes às vezes estabelecem desordenadamente um mal como seu fim, ele então responde que não faz diferença para sua tese se falamos do que é bom sem qualificação ou de um bem aparente. Pois quem age o faz, propriamente falando, por causa de um bem, pois é isso que ele tem em mente. E alguém age por causa de um mal acidentalmente, na medida em que lhe ocorre pensar que é bom. Pois ninguém age por causa de algo tendo o mal em vista.

782. Além disso, deve-se notar que, embora o fim seja a última coisa a surgir em alguns casos, ele é sempre anterior em causalidade. Por isso é chamado de "causa das causas", porque é a causa da causalidade de todas as causas. Pois é a causa da causalidade eficiente, como já foi apontado (775); e a causa eficiente é a causa da causalidade tanto da matéria quanto da forma, porque através de seu movimento faz com que a matéria seja receptiva à forma e faz a forma existir na matéria. Portanto, a causa final é também a causa da causalidade tanto da matéria quanto da forma. Daí, naqueles casos em que algo é feito por um fim (como ocorre no reino das coisas naturais, no das questões morais e no da arte), as demonstrações mais fortes são derivadas da causa final. Portanto, ele conclui que as anteriores são causas, e que as causas são distinguidas nesse número de classes.

783. **Agora os modos** (410).

Em seguida, ele distingue entre os modos das causas. E as causas são distinguidas em classes e em modos. Pois a divisão das causas em classes é baseada em diferentes aspectos formais de causalidade e, portanto, é equivalentemente uma divisão baseada em diferenças essenciais, que constituem espécies. Mas a divisão das causas em modos é baseada nas diferentes relações entre causas e coisas causadas e, portanto, pertence àquelas causas que têm o mesmo aspecto formal de causalidade. Um exemplo disso é a divisão das causas em causas próprias e acidentais, e em causas remotas e próximas. Portanto, esta divisão é equivalentemente uma divisão baseada em diferenças acidentais, que não constituem espécies diferentes.

784. Ele diz, portanto, que há muitos modos de causas, mas que estes são encontrados em menor número quando "resumidos", ou seja, quando reunidos sob uma mesma cabeça. Pois embora causas próprias e causas acidentais sejam dois modos, eles ainda são reduzidos a uma mesma cabeça na medida em que ambos podem ser considerados do mesmo ponto de vista. O mesmo é

verdadeiro para os outros modos diferentes. Pois muitos modos diferentes de causas são ditos, não apenas com referência às diferentes espécies de causas, mas também com referência a causas da mesma espécie, ou seja, aquelas que são reduzidas a uma classe de causa.

785. (1) Pois uma causa é dita anterior e outra posterior; e as causas são anteriores ou posteriores de duas maneiras: (1) De uma maneira, quando há muitas causas distintas que estão relacionadas entre si, uma das quais é primária e remota, e outra secundária e próxima (como no caso das causas eficientes, o homem gera o homem como causa próxima e posterior, mas o sol como causa anterior e remota); e o mesmo pode ser considerado no caso das outras classes de causas. (2) De outra maneira, quando a causa é numericamente uma e a mesma, mas é considerada segundo a sequência que a razão estabelece entre o universal e o particular; pois o universal é naturalmente anterior e o particular posterior.

786. Mas ele omite a primeira maneira e considera a segunda. Pois na segunda maneira o efeito é o resultado imediato de ambas as causas, ou seja, da causa anterior e da posterior; mas isso não pode acontecer na primeira maneira. Daí ele diz que a causa da saúde é tanto o médico quanto aquele que possui uma arte, que pertencem à classe da causa eficiente: aquele que possui uma arte como causa universal e anterior, e o médico como causa particular, ou especial, e posterior. O mesmo é verdadeiro para a causa formal, pois esta causa também pode ser considerada de duas maneiras; por exemplo, para um acorde de oitava, "dobro", ou a razão de 2:1, ou o número dois, é uma causa formal como uma que é especial e posterior, enquanto número, ou a razão de um número para outro ou para a unidade, é como uma causa universal e anterior. E desta maneira também "sempre aquelas classes que contêm singulares", ou seja, universais, são ditas causas anteriores.

787. (2) As causas são distinguidas de outra maneira na medida em que uma coisa é dita causa própria e outra causa accidental. Pois assim como as causas próprias são divididas em universais e particulares, ou em anteriores e posteriores, também o são as causas accidentais. Portanto, não apenas as próprias causas accidentais são chamadas assim, mas também as classes que as contêm. Por exemplo, um escultor é a causa própria de uma estátua, e Policleto é uma causa accidental na medida em que ele é, por acidente, um escultor. E assim como Policleto é uma causa accidental de uma estátua, de maneira semelhante todos os universais "que contêm acidentes", ou seja, causas accidentais, são ditos causas accidentais, por exemplo, homem e animal, que contêm sob si Policleto, que é um homem e um animal.

788. E assim como algumas causas próprias são próximas e outras remotas, como foi apontado acima, também é o caso com as causas accidentais. Pois Policleto é uma causa mais próxima de uma estátua do que o que é branco ou o que é musical. Pois um modo accidental de predicação é mais remoto quando um acidente é predicado de um acidente do que quando um acidente é predicado de um sujeito. Pois um acidente é predicado de outro apenas porque ambos são predicados de um sujeito. Daí, quando algo pertencente a um acidente é predicado de outro, como quando algo pertencente a um construtor é predicado de um músico, este modo de predicação é mais remoto do que aquele em que algo é predicado do sujeito de um acidente, como quando algo pertencente a um construtor é predicado de Policleto.

789. Agora, deve-se ter em mente que uma coisa pode ser dita causa accidental de outra de duas maneiras: (1) de uma maneira, do ponto de vista da causa; porque tudo que é accidental a uma causa é ele mesmo chamado de causa accidental, por exemplo, quando dizemos que algo branco é a causa de uma casa. (2) De outra maneira, do ponto de vista do efeito, ou seja, na medida em que uma coisa é dita causa accidental de outra porque é accidental ao efeito próprio. Isso pode acontecer de três maneiras:

A primeira é que a coisa tem uma conexão necessária com o efeito. Assim, o que remove um obstáculo é dito ser um movente accidentalmente. Isso é o caso quer esse acidente seja um contrário, como quando a bile impede o frescor (e assim a escamônia é dita produzir frescor accidentalmente, não porque causa frescor, mas porque remove o obstáculo que impede o frescor, ou seja, a bile, que é seu contrário); ou mesmo se não é um contrário, como quando um pilar impede o movimento de uma pedra que repousa sobre ele, de modo que aquele que remove o pilar é dito mover a pedra accidentalmente.

De uma segunda maneira, algo é accidental ao efeito próprio quando o acidente está conectado com o efeito nem necessariamente nem na maioria dos casos, mas raramente, como a descoberta de um tesouro está conectada com cavar o solo. É desta maneira que a fortuna e o acaso são ditos causas accidentais.

De um terceiro modo, as coisas são accidentais para o efeito quando não têm conexão, exceto talvez na mente, como quando alguém diz que é a causa de um terremoto porque um terremoto ocorreu quando ele entrou em casa.

790. [Divisão cruzada de tudo] E, além da distinção de todas as coisas em causas em si mesmas ou causas próprias e causas accidentais, há uma terceira divisão das causas, na medida em que algumas coisas são causas potencialmente e outras atualmente, isto é, ativamente. Por exemplo, a causa da construção é um construtor em estado de potência (pois isso designa seu hábito ou ofício), ou aquele que está realmente construindo.

791. E as mesmas distinções que se aplicam às causas podem aplicar-se aos efeitos dos quais essas causas são as causas. Pois os efeitos, sejam particulares ou universais, podem ser divididos em anteriores e posteriores, assim como um escultor pode ser chamado de causa desta estátua, que é posterior; ou de uma estátua, que é mais universal e anterior; ou de uma imagem, que é ainda mais universal. E, similarmente, algo é a causa formal deste bronze particular; ou do bronze, que é mais universal; ou da matéria, que é ainda mais universal. O mesmo pode ser dito dos efeitos accidentais, isto é, das coisas produzidas por acidente. Pois um escultor que é a causa de uma estátua também é a causa da pesadez, brancura ou vermelhidão que estão nela como acidentes provenientes da matéria e que não são causados por este agente.

792. (3) Novamente, ele dá uma quarta divisão das causas, a saber, a divisão em causas simples e causas compostas. Uma causa é dita simples (a) quando, por exemplo, no caso de uma estátua, apenas a causa própria é considerada, como um escultor, ou quando apenas uma causa accidental é considerada, como Póliclito. Mas uma causa é dita composta quando ambas são tomadas juntas, por exemplo, quando dizemos que a causa de uma estátua é o escultor Póliclito.

793. (b) Há, além disso, outra maneira pela qual as causas são ditas compostas, isto é, quando várias causas agem juntas para produzir um efeito, por exemplo, quando muitos homens agem juntos para remar um barco, ou quando muitas pedras se combinam para constituir a matéria de uma casa. Mas ele omite esta última maneira porque nenhuma dessas coisas, tomada em si mesma, é a causa, mas sim uma parte da causa.

794. E, tendo apresentado esses diferentes modos de causas, ele expõe seu número, dizendo que esses modos de causas são seis em número, e que cada um deles tem duas alternativas, resultando em doze. Pois esses seis modos são (1-2) singulares ou genéricos (ou, como ele os chamou acima, anteriores e posteriores); (3-4) próprios ou acidentais (aos quais também se reduz o gênero do acidente, pois o gênero ao qual um acidente pertence é uma causa accidental); e, novamente, (5-6) compostos ou simples. Ora, esses seis modos são ainda divididos por potência e atualidade e, assim, são doze em número. Ora, a razão pela qual todos esses modos devem ser divididos por potência e atualidade é que potência e atualidade distinguem a conexão entre causa e efeito. Pois as causas ativas são, ao mesmo tempo, particulares e deixam de existir juntamente com seus efeitos; por exemplo, este ato de curar cessa com este ato de recuperar a saúde, e este ato de construir com esta coisa sendo construída; pois uma coisa não pode estar sendo realmente construída a menos que algo esteja realmente construindo. Mas as causas potenciais nem sempre deixam de existir quando seus efeitos cessam; por exemplo, uma casa e um construtor não deixam de existir ao mesmo tempo. Em alguns casos, no entanto, acontece que, quando a atividade da causa eficiente cessa, a substância do efeito cessa. Isso ocorre no caso daquelas coisas cujo ser consiste no vir a ser, ou cuja causa não é apenas a causa de seu vir a ser, mas também de seu ser. Por exemplo, quando a iluminação do sol é removida da atmosfera, a luz deixa de ser. Ele diz "causas singulares" porque os atos pertencem a coisas singulares, como foi dito no Livro I desta obra (21).

Revision #2

Created 13 September 2026 21:41:13 by Admin

Updated 13 September 2026 21:58:05 by Admin